

A GEOPOLÍTICA DO ESPORTE EM TEMPOS DE GUERRA: O CASO RUSSO-UCRANIANO ¹

The Geopolitics of Sport in Times of War: the Russian-Ukrainian Case

Elvis Simões Pitoco da Silva

Mestre e doutorando em Geografia pela FCT/UNESP – Presidente Prudente

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0418-0048>

elvis.silva@unesp.br

Artigo recebido em julho/2024 e aceito em setembro/2024

RESUMO

A dissolução da União Soviética alterou significativamente a ordem mundial, criando um vácuo de poder que foi preenchido por novos atores estatais e não estatais, incluindo, de forma notável, os esportivos. Por isso, nos propomos a investigar como o esporte tem sido utilizado como uma ferramenta política no contexto do conflito russo-ucraniano, bem como a instrumentalização do esporte por instituições e estados para influenciar a dinâmica do conflito. Para isso, realizaremos uma revisão bibliográfica de fontes acadêmicas, institucionais e jornalísticas, além da análise de dados de plataformas especializadas e redes sociais. A pesquisa busca compreender o papel estratégico do esporte na geopolítica contemporânea e contribuir para o debate sobre sua utilização como mecanismo de poder em situações de conflito. Além disso, demonstramos como o esporte tem sido empregado para promover e contestar agendas políticas internacionais, evidenciado por ações como a exclusão da Rússia de eventos internacionais e o boicote econômico.

Palavras-chave: Guerra da Ucrânia; Geopolítica; Esporte; Copa do Mundo; Olimpíada.

ABSTRACT

The dissolution of the Soviet Union significantly altered the global order, creating a power vacuum that was filled by new state and non-state actors, notably including those in the sports domain. Therefore, we aim to investigate how sports have been used as a political tool in the context of the Russian-Ukrainian conflict, as well as the instrumentalization of sports by institutions and states to influence the dynamics of the conflict. This will be achieved through a bibliographic review of academic, institutional, and journalistic sources, as well as an analysis of data from specialized platforms and social media. The research aims to understand the strategic role of sports in contemporary geopolitics and contribute to the debate on its use as a mechanism of power in conflict situations. Furthermore, we demonstrate how sports have been employed to promote and contest international political agendas, as evidenced by actions such as the exclusion of Russia from international events and economic boycotts.

Keywords: Ukraine War; Geopolitics; Sport; World Cup; Olympics.

¹ A pesquisa é uma revisão do trabalho apresentado e publicado nos anais eletrônicos do XX ENG – Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos 2022.

1. INTRODUÇÃO

A implosão da União Soviética marcou o fim da antiga ordem mundial bipolar, provocando um rearranjo das estruturas de poder globais. Nesse contexto, o vácuo deixado pelo grande bloco soviético foi ocupado por outros atores, incluindo os não-estatais. Entre os agentes estatais, houve a consolidação dos blocos econômicos, como a União Europeia, e a inclusão de novos países nas agendas globais, sobretudo os países emergentes semiperiféricos, como os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Entre os agentes não estatais, houve o fortalecimento de redes terroristas, grupos de mercenários, agentes financeiros transnacionais, entre outros. É precisamente nesse cenário que o esporte emergiu como um importante polo de poder integrado ao sistema internacional de nações.

Os países aliados da Rússia integraram a CEI (Comunidade dos Estados Independentes) e/ou a OTSC (Organização do Tratado de Segurança Coletiva). Em contrapartida, os demais buscavam alternativas para se desprender da influência russa, optando por integrar grupos que historicamente foram rivais dos russos, como a União Europeia (UE) e a OTAN [Organização do Atlântico Norte²].

Após a independência, os ucranianos divergiram quanto ao futuro estratégico do país, como evidenciado nas escolhas dos presidentes, ora optando por líderes pró-Rússia, ora por aqueles que preferiam se aliar aos europeus ocidentais. A expansão da UE e da OTAN para os países eslavos, do Leste Europeu, dos Balcãs e do Cáucaso interferiu na esfera de influência russa, colocando-os em uma posição de vulnerabilidade. Ao buscar exercer sua soberania e defender seus interesses como país independente, os ucranianos se encontram envolvidos em um conflito de proporções globais entre a OTAN e a Rússia.

Após a onda de protestos populares em apoio à aproximação da Ucrânia com a UE e a OTAN, conhecidos como "Euromaidan", o conflito escalou para proporções militares em 2014 e persistiu até 2015, quando foram assinados os Protocolos de Minsk. No entanto, o acordo não alcançou seus objetivos (DELLAGNEZZE, 2022), resultando no reacendimento do conflito no leste ucraniano. Em retaliação à Rússia, em 2014, a UE e a OTAN impuseram sanções, incluindo a suspensão do país do G8. Em 2022, as punições se intensificaram com um boicote econômico generalizado e ameaças de retaliação militar.

Após pouco mais de dois anos de conflito, ainda há incertezas sobre o seu desfecho; pelo contrário, há receio quanto ao seu escalonamento para proporções globais. No campo militar, os russos avançaram e exercem controle na região da Crimeia e no Donbas (ISW, 2024). No campo

² A Organização do Tratado do Atlântico Norte [OTAN], a aliança militar ocidental fundada em um tratado de segurança coletiva com o objetivo de manter a paz e a segurança entre seus membros e a democracia dentro deles (BERTAZZO, 2010).

econômico, houve a exclusão do mercado russo do sistema internacional de pagamentos, o SWIFT. No campo da propaganda, houve uma mobilização global em torno dos ucranianos, liderada pelos estadunidenses e pelos europeus ocidentais. Essa narrativa de propaganda permeia o esporte, uma vez que o movimento esportivo é associado ao princípio de promoção dos direitos humanos e da paz por meio da neutralidade política (GOMES, 2023). O movimento olímpico condena as ações russas pela suposta violação da trégua olímpica dos Jogos Olímpicos de Inverno de Pequim 2022 e pela violação da integridade territorial ucraniana. Todavia, observamos que as organizações internacionais esportivas demonstram atitudes parciais e não estão alinhadas com o proposto na Carta Olímpica.

Para embasar esses conceitos e compreender as dinâmicas analisadas no desenvolvimento da pesquisa, realizamos levantamentos bibliográficos detalhados. Os materiais foram buscados em bibliotecas e repositórios online de instituições como a Universidade Estadual Paulista (UNESP) através do catálogo Athena, a Universidade de São Paulo (USP) pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Além disso, foram consultadas outras fontes de pesquisa em plataformas acadêmicas reconhecidas, como o Scientific Electronic Library Online (SCIELO), a Plataforma CAPES e o Google Acadêmico.

Adicionalmente, coletamos dados e informações em sites especializados como FIFA (Federação Internacional de Futebol e Associados), COI (Comitê Olímpico Internacional), ONU (Organização das Nações Unidas), além de fontes jornalísticas e outros organismos políticos relevantes. Também utilizamos perfis oficiais de redes sociais como Twitter e Instagram para acompanhar posicionamentos e divulgações oficiais. Os mapas foram elaborados pelo *Quantum Gis*.

Essa metodologia de pesquisa proporcionou uma base sólida de referências teóricas e empíricas para análise dos temas abordados no contexto do poder no esporte e sua aplicação durante o conflito russo-ucraniano.

Este trabalho resulta dos estudos realizados no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Geopolítica dos Esportes e o Papel dos BRICS na Organização de Megaeventos”, na dissertação de mestrado “A Geopolítica do Esporte na Nova Ordem Mundial: Uma Análise dos BRICS nos Megaeventos – Copa do Mundo e Olimpíadas”, e na atual tese em desenvolvimento. Além disso, contribuímos para os encontros “Herança Soviética: As Implicações da Guerra da Ucrânia no Mundo do Futebol” e “Esporte Ucraniano em Tempos de Confronto: As Consequências do Conflito com a Rússia”, promovidos pelo Grupo de Estudos “O Mundo Dentro e Fora das Quatro Linhas”, bem como para os debates realizados no NUPERG – Núcleo de Pesquisas e Estudos Regionais e no Grupo de Estudos Gilmar Mascarenhas.

Considerando as transformações no sistema de poder internacional, o presente estudo investiga em que medida o esporte é utilizado como instrumento de poder em momentos conflituosos. Para tal

reflexão, propusemo-nos a reunir e analisar as ações do mundo esportivo em resposta ao conflito russo. O objetivo deste trabalho é compreender o uso (geo)político do esporte durante o conflito russo-ucraniano.

O texto deste artigo está organizado em dois tópicos principais: origens do Conflito Russo-Ucraniano: Este tópico dedica-se à contextualização da formação dos Estados russo e ucraniano, explorando as raízes históricas e políticas que culminaram no conflito atual; A Geopolítica do Esporte e o Conflito Russo-Ucraniano: neste segundo tópico, abordaremos a instrumentalização do esporte como mecanismo de poder no contexto do conflito entre Rússia e Ucrânia, analisando como eventos esportivos e posicionamentos de instituições esportivas têm sido utilizados para fins políticos e diplomáticos. Esta estrutura visa fornecer uma análise abrangente e aprofundada sobre a interseção entre esporte e geopolítica em um dos conflitos mais significativos da atualidade.

2. AS ORIGENS DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO

A URSS numa sinopse e na marcha dos acontecimentos, as origens da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas -URSS, remontam desde o Século XVI, quando o Czar, Ivan IV, O Terrível, conquistou parte da Sibéria dando início ao processo de expansão russa. Mas, a União Soviética, ficou mesmo estruturada em 1922, após vitória dos bolcheviques, na Revolução Russa de outubro de 1917 (DELLAGNEZZE, 2022, p. 18).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial [1939 – 1945], o mundo entrou em uma ordem estruturada na bipolaridade. Essa divisão global envolveu dois blocos principais de poder: um polo capitalista liderado pelos Estados Unidos, que junto com a Europa Ocidental formaram a OTAN, uma aliança militar que promoveu a presença e influência dos EUA pelo mundo. O outro bloco foi liderado pela União Soviética, com a Europa Oriental, formando o Pacto de Varsóvia, uma aliança militar de características semelhantes à OTAN.

Com o colapso da União Soviética, ocorrido em 1991, seus territórios foram desmembrados em quinze novos países [Mapa 1], e a ordem bipolar deixou de existir, deixando um vácuo de poder global que desde então tem sido disputado e ocupado por diversos atores internacionais.

Essa transição geopolítica teve um impacto significativo nas relações internacionais, resultando em uma nova configuração de poder e influência no cenário mundial, com implicações profundas para a política, economia e segurança global.



Mapa 1 - A fragmentação do território soviético em quinze novas repúblicas.

Fonte: O próprio autor.

Os impactos e reflexos do processo de transferência de poder deixado pela União Soviética ainda não são completamente palpáveis, mas podemos observar alguns acontecimentos recentes que tiveram origem durante o período bipolar, como a Guerra do Afeganistão (2003 – 2021), a Invasão do Iraque (2003), os ataques de 11 de setembro e, mais recentemente, o conflito entre Rússia e Ucrânia, esta última simbolizada pelo Ocidente, especialmente pela OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e pelos Estados Unidos.

O fim da Guerra Fria marcou o término do Pacto de Varsóvia e a OTAN perdeu parte de sua justificativa de existência. O ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, James Baker, fez uma promessa verbal de que a OTAN não se expandiria para o leste (OTAN, 2018). Os franceses, por outro lado, sugeriram que os antigos países soviéticos da Europa Oriental formassem um bloco neutro entre a Rússia e a Europa Ocidental, mas essa ideia não recebeu apoio político dos norte-americanos.

Algumas ex-repúblicas herdaram infraestruturas nucleares que estavam anteriormente em território soviético. Belarus e Cazaquistão rapidamente transferiram seu arsenal para a Rússia e assinaram o Tratado de Não Proliferação Nuclear. A Ucrânia inicialmente recusou-se a entregar seu arsenal de mais de três mil ogivas nucleares, temendo uma possível invasão russa, mas aceitou fazê-lo sob a condição de que suas fronteiras fossem respeitadas, conforme o Memorando de Budapeste sobre Garantias de Segurança (1994).

Desde então, a OTAN passou por várias expansões significativas: em 1999, com a inclusão da Polônia, República Tcheca e Hungria; em 2004, com Estônia, Letônia, Lituânia, Eslovênia, Eslováquia, Romênia e Bulgária; e em 2009, com a adesão de Albânia e Croácia. A maioria dos novos

membros estava a leste da antiga Cortina de Ferro, evidenciando uma clara expansão da OTAN em direção às fronteiras russas (COSTA, 2015). A União Europeia também seguiu uma expansão semelhante desde 1990, incorporando mais de 10 membros, muitos dos quais do Leste Europeu, como Finlândia, Polônia, Estônia, Lituânia e Hungria. Esses movimentos de expansão das instituições ocidentais parecem ser estratégias premeditadas para conter a influência regional da Rússia e obter controle sobre áreas identificadas por Mackinder como parte da "Ilha Mundo" (MACKINDER, 2011).

A década de 1990 na Rússia foi marcada pela tumultuada transição do sistema político, econômico e socialista para o capitalista, caracterizada por hiperinflação, altos índices de desemprego, fome e instabilidade política. O período incluiu a perda da Primeira Guerra da Chechênia (1994 – 1997) e várias tentativas de golpes de Estado. A mudança de governo em 1999 marcou um ponto de inflexão, representando um ressurgimento da Rússia moderna do século XXI. Reformas políticas e econômicas foram implementadas, o nacionalismo russo foi revitalizado e a reconstrução do poder militar russo foi uma prioridade, o que levou à vitória na Segunda Guerra da Chechênia (2000). Em 2008, a Rússia sentiu-se ameaçada pela aproximação da Geórgia e outros países do Cáucaso com a OTAN e a União Europeia, resultando na invasão russa da Geórgia e na vitória no conflito russo-georgiano.

Os conflitos de interesse entre Rússia, Ucrânia e EUA foram a raiz da Crise da Crimeia (2014), desencadeada pela aproximação da Ucrânia com a OTAN e a União Europeia. A Ucrânia, com sua posição estratégica de Estado-tampão (PIMENTEL, 2019), enfrentou tensões internas quando o ex-presidente Viktor Yanukovich rejeitou um acordo de cooperação com a União Europeia em 2013, optando por empréstimos de Moscou (DELLAGNEZZE, 2022). Estratégias de guerra híbrida influenciaram a população civil (CASALUNGA, 2020), dividindo o país entre o leste, predominantemente étnico e linguístico russo, e o oeste, predominantemente ucraniano, culminando nos protestos conhecidos como "Euromaidan" e na deposição de Yanukovich, que se exilou na Rússia.

A reaproximação da Ucrânia com a OTAN e a União Europeia em 2022 provocou nova intervenção russa, alegando violação do Acordo de Minsk (SOUZA, 2022). As consequências dessas ações incluíram amplas sanções e boicotes econômicos do Ocidente contra russos e bielorrussos, com repercussões globais, inclusive no Brasil. Os EUA, junto com a OTAN e a União Europeia, evitam o confronto direto com a Rússia, preferindo oferecer suporte militar indireto, como armamentos, e impor sanções econômicas significativas, como a exclusão do sistema Swift de transações interbancárias, para limitar a capacidade militar russa. Nesse contexto, deslegitimar as ações russas tornou-se crucial para angariar apoio da opinião pública internacional, especialmente no Ocidente,

onde o uso de poder brando tem sido um componente importante, enquanto boicotes generalizados continuam em larga escala.

3. A GEOPOLÍTICA DO ESPORTE E O CONFLITO RUSSO UCRANIANO

A Geopolítica é o campo do conhecimento que analisa as relações de poder no espaço geográfico (BECKER, 2005, online).

O poder é um conceito polissêmico, o que significa que possui diversos significados. É um fenômeno que se manifesta nas relações, onde dois ou mais polos se anulam ou se confrontam. Parte da bipolaridade, quando isolado, o poder não pode impor sua capacidade de influenciar e alterar comportamentos; logo, o poder sozinho não existe. As relações estabelecidas pelos múltiplos polos formam o campo do poder, que se organiza em rede. Isso não significa que o poder esteja em todos os lugares ou que seja tudo, pois isso seria contraditório. O poder é parte da influência e está sujeito a qualificar algumas relações em relação às outras (RAFFESTIN, [1980] 1993); (BOBBIO, 1998); (CASTRO, 2005).

O poder se manifesta por ocasião da relação. É um processo de troca ou de comunicação quando, na relação que se estabelece, os dois polos fazem face um ao outro ou se confrontam. As forças de que dispõem os dois parceiros (caso mais simples) criam um campo: o campo do poder (RAFFESTIN, [1980] 1993, p. 53).

A citação de Bobbio (1998) sobre as formas de poder é clara e precisa. Aqui está a continuação e revisão do seu texto:

Bobbio (1998) identificou várias formas de poder, das quais destacamos duas: o poder econômico e o poder ideológico. O poder econômico se manifesta através da posse de recursos essenciais, especialmente durante crises, para influenciar comportamentos desejados. Por outro lado, o poder ideológico se baseia no controle sobre formas de conhecimento que não estão acessíveis à maioria, buscando influenciar as atitudes e direcionar o comportamento de um grupo em determinadas direções, em detrimento de outras.

O Estado, como entidade política central, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento das sociedades e continua sendo um protagonista no sistema internacional. No entanto, Castro (2005, p. 72) reconhece que houve uma difusão do poder: "[...] a agenda política do século XXI deve ser ampliada, na medida em que há novos atores que não se deixam aprisionar pelos limites institucionais do Estado". Nye (2012) demonstra que a Revolução da Informação permitiu a emergência de novas redes informais, enfraquecendo o monopólio da burocracia tradicional e distribuindo o poder entre atores menores e não estatais. Isso não significa o fim do poder dos Estados, mas sim uma nova configuração com mais atores, onde o controle dos demais é mais complexo.

A difusão do poder e sua reestruturação são evidentes quando atletas, artistas e outros profissionais independentes se comunicam diretamente com milhões de pessoas através das redes sociais, alcançando um público muito maior do que os meios de comunicação convencionais. O papel desses atores informacionais tem se mostrado relevante durante o conflito russo-ucraniano.

Por exemplo, em 01/06/2022, durante o primeiro jogo da seleção ucraniana após o início do conflito, Pelé, considerado o ícone do futebol, escreveu uma carta direcionada a Putin, pedindo o fim da invasão na Ucrânia. Ele lembrou um encontro amistoso entre os dois e expressou tristeza pela distância entre eles hoje (NASCIMENTO, 2022). Vários outros atletas também manifestaram suas posições, como Lewis Hamilton e Sebastian Vettel da Fórmula 1, juntamente com muitos membros da Associação de Pilotos de Grande Prêmio (TESSER, 2022), todos apoiando a Ucrânia. Por outro lado, Ivan Kuliak, atleta russo, exibiu um símbolo de guerra em seu uniforme durante uma cerimônia de medalhas, substituindo o emblema do seu país por uma letra Z.

Este evento ilustra como os indivíduos influentes no esporte e na cultura popular podem exercer pressão moral e política significativa durante crises internacionais, utilizando suas plataformas para influenciar a opinião pública global e influenciar os rumos dos conflitos.

Outros se voluntariaram para os exércitos: os ucranianos ex-campeões mundiais de boxe, Irmãos Klitschko³, assim como Oleksandr Usyk, atual campeão dos pesos-pesados, que declarou que pegaria em armas para proteger o país. Outros atletas ucranianos também se destacaram, como Yevhen Malyshev, atleta de biatlo, que foi convocado pelo exército e morreu no conflito, e os futebolistas Vitalii Sapylo e Dmytro Martynenko. rovo, Ferreira e Lino dos Santos (2022) apontaram considerações sobre os fluxos migratórios dos atletas brasileiros que deixaram a Rússia após o início do conflito. Os atletas brasileiros tiveram como primeiro destino o Brasil, seguido por Lituânia, Itália, Geórgia, Portugal, França, Áustria, Azerbaijão, Bielorrússia, Chipre e Hungria.

Nye (2012) desenvolveu três conceitos importantes para entender as ferramentas de propagação de poder: o Poder Bruto (Hard Power), o Poder Brando (Soft Power) e o Poder Inteligente (Smart Power). O Poder Bruto refere-se à capacidade de ganhar influência e poder através do uso da força militar ou econômica, incluindo o pagamento de subornos. O Poder Brando, por sua vez, é a capacidade de atrair e persuadir por meio da disseminação de valores, cultura, ideias e outros elementos não coercivos. Por fim, o Poder Inteligente combina essas duas formas para alcançar objetivos de maneira eficaz e adaptável.

As consequências dos conflitos são amplamente sentidas na sociedade, afetando aspectos econômicos, políticos e sociais. O esporte contemporâneo, como fenômeno socioeconômico, não

³ Vitali Klitschko, um dos irmãos, é o prefeito da capital ucraniana, Kiev.

escapa dessas influências e muitas vezes reflete as dinâmicas sociais decorrentes dos conflitos. Esse aspecto tem sido discutido por diversos estudiosos, como destacado por SIGOLI e ROSE JUNIOR (2004), MARQUES, ALMEIDA e GUTIERREZ (2008), RUBIO (2010), MOSTARO (2012), RAITER, WIGGERS e OELKE (2012), BONIFACE (2014; 2016) e ATHAYDE *et al.* (2016).

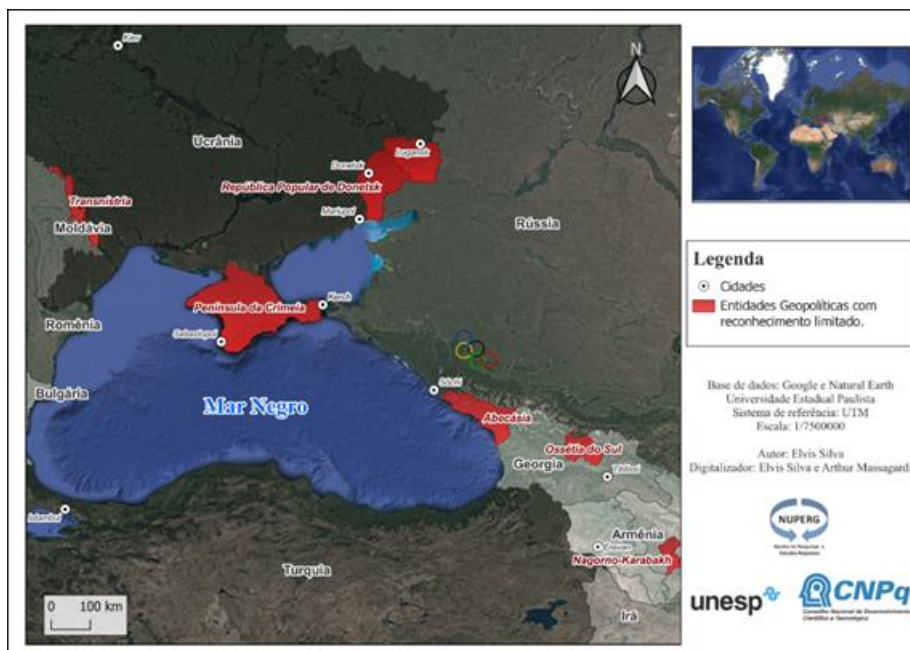
O esporte é um instrumento de poder tanto pela organização de competições quanto pelas vitórias nelas, para continuar a guerra por outros meios. O esporte permite que você brilhe sem agressão, permite que você domine enquanto é popular, o que não é o caso em termos de dominação estratégica e econômica. Isso sempre causa ressentimento e rejeição, embora possa causar admiração e reconhecimento nos esportes. O poder do esporte pode acompanhar o poder (BONIFACE, 2014 p. 19, Tradução Nossa).

O Estado russo utilizou estrategicamente os megaeventos esportivos para fins políticos, como destacado por Hutchings (2005). Um exemplo marcante ocorreu em 2007, quando a Rússia foi escolhida para sediar os XXII Jogos Olímpicos de Inverno na cidade de Sochi. Este evento foi significativo, pois marcou o retorno da Rússia aos holofotes olímpicos, sendo que a última vez que o país havia sediado as Olimpíadas foi em 1980, ainda durante a época da União Soviética.

Sochi, uma cidade com cerca de 400 mil habitantes, tornou-se uma das menores cidades a hospedar um megaevento olímpico. No entanto, as Olimpíadas de Sochi também se destacaram pelo seu custo extremamente elevado, totalizando cerca de USD 55 bilhões, tornando-se os Jogos Olímpicos mais caros da história até então.

Geopoliticamente, Sochi está situada em uma região complexa. Localiza-se a apenas 40 quilômetros da Geórgia e próximo a territórios disputados como a Abecásia. A cidade também está em proximidade com outras entidades geopolíticas de reconhecimento limitado, como a Península da Crimeia e a Ossétia do Sul. Além disso, Sochi está às margens do Mar Negro, sendo um ponto estratégico que controla o acesso às águas quentes do Cáucaso e aos Estreitos de Kerch e Bósforo, este último localizado em Istambul, Turquia.

Essa localização estratégica tornou Sochi não apenas um centro esportivo de destaque, mas também um símbolo de poder e influência geopolítica para a Rússia, reforçando a importância dos megaeventos esportivos como ferramenta de projeção de poder e imagem internacional.



Mapa 2 - A posição geoestratégica da cidade de Sochi (2022).

Fonte: O próprio autor (2022).

Com os Jogos de Sochi, o governo russo tinha dois principais objetivos estratégicos. Primeiramente, buscava fomentar o desenvolvimento regional, o que resultou em um dos maiores investimentos de capital não diretamente relacionados ao esporte na história dos Jogos Olímpicos. Isso incluiu a duplicação e construção de novas rodovias e ferrovias, além da reforma do aeroporto local, entre outras infraestruturas (MULLER, 2015).

Em segundo lugar, o governo russo pretendia apresentar ao mundo uma nova imagem da Rússia, como um país aberto, atraente e moderno. O objetivo era transformar Sochi em um destino turístico de classe mundial e estabelecê-la como uma presença fixa no calendário esportivo internacional. O presidente Putin expressou essa visão, afirmando que Sochi se tornaria "um novo resort de classe mundial para a nova Rússia. E o mundo inteiro!" (Putin apud Muller, 2015).

Assim, os Jogos Olímpicos de Inverno em Sochi não apenas visavam promover o esporte, mas também eram uma ferramenta para impulsionar o desenvolvimento econômico e infraestrutural da região, além de projetar uma nova imagem da Rússia no cenário global.

O governo russo pretendia que os Jogos Olímpicos de Sochi fossem muito mais do que um mero evento esportivo. Eles deveriam se tornar um catalisador para o desenvolvimento de Sochi como um resort de inverno, que, juntamente com sua reputação de férias de verão, transformaria a área em um destino durante todo o ano [...] (MULLER, 2015, [online] - Tradução Nossa).

Os Jogos Olímpicos de Sochi foram um evento monumental para a Rússia, não apenas no contexto esportivo, mas também como um instrumento político e geopolítico. A cidade de Sochi, escolhida para sediar os Jogos de Inverno de 2014, foi transformada com significativos investimentos

em infraestrutura, visando não só promover o desenvolvimento regional, mas também fortalecer a presença militar russa na região do Mar Negro.

A realização dos Jogos proporcionou à Rússia a oportunidade de modernizar a região do Cáucaso, facilitando o escoamento da produção russa em direção às águas quentes do Mar Negro. Além disso, as novas infraestruturas construídas para os Jogos, como rodovias, ferrovias e o aeroporto local reformado, foram fundamentais para uma resposta militar mais ágil durante o conflito com a Ucrânia em 2014 e novamente em 2022.

No entanto, os Jogos de Sochi também foram alvo de controvérsias e críticas intensas. A suspeita de compra de votos na escolha da Rússia como sede, principalmente para a Copa do Mundo de 2018 e os Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, resultou em investigações do FBI e no escândalo conhecido como FIFA Gate. Além disso, após os Jogos, a Rússia foi acusada de um amplo programa de doping patrocinado pelo Estado, o que levou à suspensão de atletas russos de competições internacionais sob bandeira neutra.

Assim, enquanto os Jogos de Sochi foram usados pelo governo russo para projetar uma nova imagem do país e fortalecer sua influência regional e global, o evento acabou sendo envolto em controvérsias que prejudicaram a reputação da Rússia no cenário internacional, especialmente no contexto esportivo.

Infelizmente, nos últimos anos, um número crescente de grandes competições internacionais foi marcado por eventos incompatíveis com o esporte, com seu espírito e caráter [...] Testemunhamos repetidamente arbitragens tendenciosas e calúnias duvidosas, palhaçadas hostis e provocações diretas, vimos como as ideias do próprio Pierre de Coubertin foram metodicamente distorcidas e distorcidas, os princípios outrora sagrados do esporte foram corroídos. Literalmente diante de nossos olhos, a igualdade se transformou em tolerância perversa, a justiça em padrões duplos e a luta pela pureza nos esportes em uma ditadura politicamente engajada da burocracia antidoping (PUTIN *apud* BERKELEY, 2022 – Tradução Nossa).

A Ucrânia, por outro lado, é um país que busca se desvincular da Rússia e se inserir no cenário internacional. Para isso, sediou eventos como a final da Liga dos Campeões da Europa em 2018 e a XIV Eurocopa em 2012, junto com a Polônia, o que demonstra o interesse dos ucranianos em se aproximar da Europa Ocidental mais do que da Rússia. Na Eurocopa em 2021 e em 2024, a camisa principal do uniforme da seleção ucraniana exibiu o mapa que incluía a Crimeia como parte do território ucraniano, além de slogans considerados nacionalistas na parte interna da gola. Apesar da intervenção da UEFA (União das Associações Europeias de Futebol), o Ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, afirmou que não haveria mudanças.

[...] Gosto muito do novo uniforme da nossa equipe. Posso dizer àqueles que estão agitados porque não suportam nossas fronteiras reconhecidas internacionalmente ou nossa saudação oficial de estado: Não permitiremos que nossos símbolos nacionais sejam insultados! (GUY; LAPIN; TARASOVA, 2021, [online] – Tradução Nossa).

A guerra de narrativas durante o conflito fez parte das discussões sobre as Olimpíadas deste ano. Ropa (2023) aponta que os meios de comunicação esportivos na Letônia desempenham um papel de propaganda política. Segundo sua análise, os meios de comunicação em língua letã apresentam pouca parcialidade e oferecem comentários de natureza pessoal, enquanto os meios de língua russa abordam as questões com neutralidade ou evitam o assunto. Outra exemplificação envolve as relações sino-russas. Segundo autoridades ocidentais, durante a cerimônia de abertura, Xi Jinping teria supostamente pedido a Vladimir Putin que aguardasse o fim dos Jogos Olímpicos de Inverno antes de iniciar o conflito com os ucranianos (WONG; BARNES, 2022). No entanto, o Ministro de Relações Exteriores da China desmentiu essas alegações, afirmando que as provocações para abalar as relações sino-russas não tiveram efeito (WONG, 2022).

O conflito efetivamente começou sete dias após a cerimônia de encerramento das Olimpíadas. Durante esse período, estava em vigor a trégua olímpica, que vai de 20 de janeiro (sete dias antes da cerimônia de abertura) até 20 de março (sete dias após o encerramento dos Jogos Paralímpicos de Inverno), conforme aprovado pela 76ª Assembleia Geral das Nações Unidas (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2022; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2022).

Sob o argumento de rompimento da trégua, o COI recomendou as Federações Internacionais a realocar ou cancelar todos os eventos na Rússia e/ou Belarus e criou um fundo de USD 200.000 para apoiar a comunidade olímpica ucraniana (GLOBO ESPORTE, 2022, [online]). O discurso do Presidente Comitê Paralímpico Internacional deixa claro a posição da instituição, durante a cerimônia de abertura dos XII Jogos Paralímpicos de Inverno:

Estou horrorizado com o que está acontecendo no mundo agora. O século 21 é um tempo de diálogo e diplomacia, não de guerra e ódio. A Trégua Olímpica para a paz durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos é uma Resolução da ONU adotada por consenso por 193 Estados Membros na 76ª Assembleia Geral da ONU. Deve ser respeitado e observado, não violado. No IPC, aspiramos a um mundo melhor e mais inclusivo, livre de discriminação, livre de ódio, livre de ignorância e livre de conflito (COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL, 2022, [online] – Tradução Nossa).

O Conselho Executivo (CE) do Comitê Olímpico Internacional (COI) reiterou hoje a forte condenação do COI à quebra da Trégua Olímpica pelo governo russo e o governo da Bielorrússia por seu apoio a isso. A respectiva resolução da ONU foi adotada pela Assembleia Geral da ONU em 2 de dezembro de 2021 por consenso de todos os 193 Estados membros da ONU. A Trégua Olímpica começou sete dias antes do início dos Jogos Olímpicos, em 4 de fevereiro de 2022, e termina sete dias após o encerramento dos Jogos Paralímpicos (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2022, [online] – Tradução Nossa).

Durante a fala, a TV estatal chinesa CCTV teve problemas com o áudio e a tradução, o que foi interpretado por alguns como censura (GLOBO ESPORTE, 2022). O discurso foi também marcado pela confusão do Presidente do Comitê Paralímpico, que se referiu ao líder chinês Xi Jinping como presidente da "República da China", nome oficial de Taiwan, país que não é reconhecido pela China,

o que resultou em um pedido de desculpas oficial do CPI (Comitê Paralímpico Internacional) (GLOBO ESPORTE, 2022).

O argumento de punição do COI é contraditório, uma vez que afirmam estar dispostos a contribuir com a paz e se afastar das disputas políticas para permitir que atletas de países rivais possam competir, enquanto a Rússia está impedindo que atletas ucranianos possam competir (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2022, [online]). Ao tomar tal medida, o COI está se posicionando em direção aos interesses ocidentais e, conseqüentemente, quebrando a isonomia política e se afastando dos princípios "apolíticos" do esporte, reafirmados pela Carta Olímpica de 1990.

Tal parcialidade foi observada também durante as Olimpíadas de Paris em 2024, quando Rússia e Bielorrússia foram expulsas da edição de Paris. Apenas alguns poucos atletas foram convidados pelo COI como "atletas neutros individuais" e não puderam participar da cerimônia de abertura, não terão acesso à bandeira e aos hinos, e não estarão presentes no quadro de medalhas (GLOBOESPORTE, 2024). Por outro lado, Israel não sofreu sanções pelo ataque à Palestina, ao Líbano e ao Irã, no final de julho, durante o decorrer das Olimpíadas. Além disso, é notável que outros países, em outros momentos, quebraram a trégua olímpica e não sofreram punições, o que demonstra falta de critério nas ações do Comitê Olímpico.

Em seguida, diversas ONGs (Organizações Não Governamentais Internacionais⁴) anunciaram suas sanções à Rússia, que incluíam a proibição do uso do nome, das cores e dos símbolos russos, além de medidas individuais adotadas por cada entidade. A FIFA impediu que os russos disputassem a fase qualificatória para a Copa do Mundo do Catar e determinou que nenhuma partida oficial poderá ser disputada em território russo com torcedores. A FIFA também se posicionou ao dizer que "... condena o uso da força pela Rússia na invasão da Ucrânia (FIFA, 2022, [online] – Tradução Nossa)", apesar de os russos repudiarem o termo "invasão". Esse posicionamento da FIFA é contraditório com as declarações de seu ex-Presidente João Havelange, que afirmava que futebol e política não poderiam se misturar.

A UEFA rescindiu seu contrato de patrocínio com a empresa estatal russa de energia e combustíveis Gazprom, que é responsável pela distribuição e abastecimento energético em vários países da Europa Ocidental, além de ser a maior produtora global de gás natural, no valor de EUR 78 milhões (GLOBO ESPORTE, 2022). Também substituiu São Petersburgo e o Estádio Krestovsky (conhecido como Estádio Gazprom⁵) como sede da final da Liga dos Campeões da Europa da edição 2021-2022 por Paris, o que poderia resultar em um prejuízo estimado entre EUR 60 a 70 milhões

⁴ O termo para Organizações Não Governamentais Internacionais foi proposto por KEOHANE; NYE JR., 2012.

⁵ A Gazprom possui os *Naming rights* do Estádio.

(MARCA, 2022). Além disso, a entidade anunciou que a Rússia não seria sequer considerada para pleitear a Eurocopa de 2030 e 2034 (UEFA, 2022). Essas medidas levaram a Rússia a considerar a mudança para a Confederação Asiática de Futebol (MILLAR, 2022).

Desde então, a UEFA tem promovido o apoio à Ucrânia por meio de ações propagandísticas, como mensagens de paz em inglês e ucraniano em placas de publicidade durante os jogos. Além disso, escolheu uma árbitra ucraniana para a final da Eurocopa Feminina de 2022. Os jogos de qualificação para a Copa do Mundo também foram marcados por mensagens de apoio ao fim da guerra, transformando os jogos da seleção ucraniana em manifestações nacionalistas, onde os europeus expressam o desejo de vitória na guerra através da classificação do país para a Copa do Mundo, o que não ocorreu (SHUTTLEWORTH, 2022). O técnico da seleção afirmou que os atletas receberam bandeiras e outros itens de soldados que estavam em conflito (FISHER, 2022). O presidente ucraniano, por sua vez, frequentemente prestigiou e associou a seleção nacional e o Estado ucraniano. Após a vitória contra a Escócia, o Presidente Zelensky afirmou em seu perfil no Instagram:

Há momentos em que você não precisa de muitas palavras! O orgulho basta! Simplesmente graças a vocês! Duas horas de felicidade a que não nos acostumamos. Eles saíram. Eles lutaram. Eles perseveraram. Eles ganharam. Porque eles são ucranianos! Alegria aos nossos militares, a todo o nosso país. Estamos todos lutando, cada um em sua própria frente, por isso. Por nossa bandeira azul e amarela, por nosso brasão em nossos corações, por 'a Ucrânia ainda não está morta... e não pode ser silenciada' Lutamos, lutamos, resistimos, venceremos. Porque ucranianos! (ZELENSKY, 2022, [online] – Tradução Nossa).

Diversas entidades esportivas de ligas e modalidades distintas anunciaram boicotes à Rússia. A Premier League inglesa suspendeu o contrato de direitos de transmissão com a emissora russa Rambler (Okko Sport) e fez uma doação de EUR 1.000.000 para fundos de suporte humanitário (TADEU, 2022). Como resultado, o torneio deixou de ser transmitido no mercado chinês. No tênis, o torneio de Wimbledon proibiu atletas russos e bielorrussos de competir (WIMBLEDON, 2022). A Euroliga de basquete suspendeu todos os jogos envolvendo equipes russas temporariamente (OBSERVADOR, 2022). A Copa do Mundo de Esgrima, que estava ocorrendo em Sochi, foi cancelada pela FIE (Federação Internacional de Esgrima) no dia do início do conflito (LLOYD, 2022). Atitudes semelhantes às recomendadas pelo COI foram tomadas pela FIBA (Federação Internacional de Basquetebol), FINA (Federação Internacional de Natação), IJF (Federação Internacional de Judô), FIVB (Federação Internacional de Voleibol) e pela FIA (Federação Internacional do Automóvel) (FIBA, 2022; FINA, 2022; IJF, 2022; FIVB, 2022; FIA, 2022).

Historicamente, a Fórmula 1 evitava se envolver em debates políticos internacionais, como quando continuou realizando o GP da África do Sul durante o boicote esportivo devido às políticas do apartheid. No entanto, desta vez, a pressão se tornou insustentável e a única punição à Rússia foi o cancelamento da edição de 2022 do GP de Sochi (MORENO *et al.*, 2022).

Por outro lado, a equipe Haas, conhecida nos Estados Unidos pela Nascar e nova na Fórmula 1, era patrocinada pela Uralkali, empresa de fertilizantes do bilionário e aliado de Putin, Dmitry Mazepin, cujo filho competia pela equipe. Após o rompimento do contrato, o atleta anunciou a criação de uma fundação para ajudar atletas impedidos de competir por motivos políticos (MAZEPIN, 2022), enquanto a equipe buscou novos parceiros e outro piloto (MORENO *et al.*, 2022).

O Schalke 04, clube alemão, rompeu seu contrato de patrocínio com a Gazprom, no valor de EUR 10 milhões anuais, após quinze anos de parceria, cujas relações estavam desgastadas desde 2014 (WENZEL, 2022). O Manchester United inglês também rompeu com a companhia aérea russa Aeroflot, no valor de EUR 40 milhões (GLOBO ESPORTE, 2022).

O Estrela Vermelha, clube sérvio com origens antifascistas e socialistas, tornou-se um instrumento do nacionalismo sérvio (COELHO, 2021). Desde o ataque da OTAN à Iugoslávia em 1999, durante a Guerra do Kosovo, intensificou suas posições anti-americanas. O Estrela Vermelha foi um dos poucos apoiadores russos no conflito, protestando em jogos de futebol e na Euroliga de basquete, estendendo faixas contra as intervenções da OTAN pelo mundo e pedindo paz (GLOBO ESPORTE, 2022; LLOYD, 2022), defendendo a permanência da Gazprom como patrocinadora do clube (FISHER, 2022).

O Chelsea inglês, anteriormente propriedade do bilionário russo Roman Abramovich e considerado aliado de Putin, teve seu dono sancionado pelos europeus e foi motivado a vender o clube a um consórcio liderado por Todd Boehly, dos Estados Unidos (MORENO *et al.*, 2022). Esse movimento de exclusão de empresários russos do futebol europeu (ADAM; BOREN, 2022) é visto por alguns como uma forma de substituir aqueles que entraram no mercado durante os anos 2000 por empresários de países aliados.

Vários clubes europeus participaram de campanhas em apoio à Ucrânia. O Real Madrid criou a campanha "Todos com a Ucrânia", enquanto Juventus, PSG e Lyon fizeram doações de produtos, serviços e recursos financeiros. Outros se disponibilizaram para participar de turnês de jogos com os clubes ucranianos durante a turnê europeia do Dínamo de Kiev e do Shakhtar Donetsk (GLOBO ESPORTE, 2022). O objetivo desses jogos era propagandístico e de exaltação ao Estado ucraniano, como no jogo entre Dínamo e Légio Varsóvia, onde a torcida polonesa exibiu um bandeirão com a imagem de Putin sendo enforcado com a camisa do Spartak Moscou, rival do Zenit (TRUJILLO, 2022).

A participação dos estádios de futebol e arenas esportivas também é destacada. Do lado ucraniano, o Estádio de Chernihiv, casa do futebol feminino, foi totalmente destruído, enquanto a Arena Donbass, em Donetsk, casa do Shakhtar Donetsk, foi bombardeada em 2014, danificando suas estruturas e impedindo eventos futuros (HOFMAN, 2016). No lado russo, desde o início do conflito,

o Estádio Luzhniki em Moscou tem sido usado por Putin para concentrar grandes comícios nacionalistas e propagandísticos (GLOBO, 2022). Em Munique, na Alemanha, a Allianz Arena foi iluminada com as cores ucranianas em demonstração de apoio.

Diversas empresas abandonaram o mercado russo, incluindo gigantes do ramo esportivo como Nike, Puma e Adidas, que também suspenderam o patrocínio e o fornecimento de material esportivo para a seleção de futebol russa. Grandes empresas de e-sports seguiram o mesmo caminho, como Microsoft, Activision Blizzard e EA (Electronic Arts), esta última excluindo clubes e a seleção russa do FIFA 22, o jogo de futebol eletrônico do momento (LANCE, 2022; GLOBO ESPORTE, 2022).

Portanto, a Carta Olímpica, que estabelece o princípio da neutralidade política como um valor associado à promoção da paz e à proteção dos direitos humanos, e as propostas de trégua olímpica aprovadas em assembleia geral pela ONU não têm sido aplicadas de forma imparcial, demonstrando que o Comitê Olímpico Internacional atende aos interesses da narrativa ocidental. Lindholm (2022) afirma que a neutralidade política é um pilar contestado no esporte global. Duval (2023), ao analisar as reações da FIFA e da UEFA no conflito, considera que a análise de Lindholm é exagerada, argumentando que ainda não se pode falar na morte da neutralidade política. Segundo Duval, tanto a FIFA quanto a UEFA não se basearam em atributos políticos para o banimento da Rússia, mas sim nas ameaças à segurança das competições devido a divergências étnico-políticas e logísticas. Dessa forma, o autor sugere que o "mito da neutralidade" ainda sobrevive por ora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conflito entre Rússia e Ucrânia, que teve início em 2014 e intensificou-se em 2022, ainda não foi concluído e não há perspectivas imediatas para um desfecho. Este trabalho propõe uma análise do esporte como instrumento tanto de paz quanto de guerra durante o conflito. Nossa hipótese inicial era de que o esporte foi utilizado como um elemento de poder, o que se confirmou através das declarações de ONGs, posicionamentos de equipes esportivas, opiniões de atletas, empresas do ramo esportivo e a própria atuação dos Estados Nacionais ao vincular elementos esportivos às suas agendas políticas.

Durante este conflito, o esporte mais uma vez mostrou seu viés político e sua apropriação por poderes políticos, financeiros e ideológicos, indo contra a suposta natureza apolítica do esporte, defendida pela FIFA e pelo COI. Pode-se afirmar que a Rússia, e em menor medida Belarus, estão enfrentando o maior isolamento esportivo desde o fim do boicote à África do Sul devido ao apartheid.

Este trabalho oferece reflexões preliminares sobre o fenômeno esportivo durante o conflito russo-ucraniano, com a expectativa de que seus desdobramentos continuem ao longo da década de 2020. Caso tenha havido estratégias para minar o ressurgimento esportivo russo, essas foram bem-sucedidas, não apenas impactando a capacidade russa de sediar e participar de megaeventos, mas

também impedindo a Rússia de obter apoio positivo da comunidade internacional. O panorama para os próximos anos indica uma ausência russa no cenário esportivo europeu, enquanto há uma tendência de projeção em direção à Ásia.

Nos últimos anos, não apenas a Rússia, mas outros países dos BRICS (Brasil, Índia e África do Sul) têm se destacado no cenário esportivo internacional. No entanto, desde 2016, novos atores têm emergido, sugerindo que o sistema internacional de poder está passando por um processo de disputa por controle.

Portanto, através dos esportes, estamos visualizando as transformações do sistema internacional em direção à multipolaridade. O esporte, como instrumento de guerra, tem sido fortemente utilizado no conflito russo-ucraniano, com a promoção da Ucrânia e o banimento da Rússia e Belarus do esporte mundial. Contudo, essa medida abre precedentes para a formação de um sistema jurídico-internacional paralelo ao do COI, fora do seu monopólio de atuação, onde a influência ocidental pode não ter impactos relevantes. Os Jogos do BRICS de 2024 foram uma tentativa de romper o monopólio do COI, sendo realizados em território russo e abrigando todos aqueles atletas impedidos de participar das Olimpíadas de Paris. O evento foi prestigiado por mais de cinquenta países, extrapolando a esfera BRICS, demonstrando o potencial esportivo do evento e uma possível ameaça do monopólio esportivo do COI.

AGRADECIMENTO

Trabalho produzido com o auxílio da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – processo nº 88887.960238/2024-00 o qual conferimos nossos agradecimentos. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas nesta pesquisa são de responsabilidade do autor e não necessariamente correspondem à visão da CAPES. Este trabalho também conta com apoio do NUPERG - Núcleo de Pesquisas e Estudos Regionais e do Grupo de Estudos “Gilmar Mascarenhas”.

REFERÊNCIAS

- ADAM, K.; BOREN, C. Roman Abramovich, Chelsea football owner, sanctioned by U.K. in push to punish Russian oligarchs. **The Washington Post**. Londres, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://wapo.st/3QOM5uq>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- ATHAYDE, P. *et al.* O esporte como direito à cidadania. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 490-501, 2016.
- BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. **Dossiê Amazônia Brasileira I. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.

- BERKELEY, G. Putin claims principles of sport "eroded" and blasts "anti-doping bureaucracy". **Inside the games**. 20 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3wf0OHi>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- BERTAZZO, J. Atuação da OTAN no pós-Guerra Fria: implicações para a segurança internacional e para a ONU. **Contexto Internacional**, v. 32, n. 1, 2010.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UNB, 1998.
- BONIFACE, P. **Géopolitique du sport**. Paris: Armand Colin, 2014. 187p.
- BONIFACE, P. **JO Politiques**. Paris: Eyrolles, 2016. ISBN: 978-2-212-56416-7. 202p.
- CAS. Corte Arbitral do Esporte. **Decision in the arbitration WADA v. RUSADA**. Lausanne, Suíça, 17 dez. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3FwQj4Q>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- CASALUNGA, F. H. **Guerra híbrida cibernética: uma análise do conflito Rússia-Ucrânia (2014-2015) sob a perspectiva da tecnologia da informação**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- CASTRO, I. E. **Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005. 300p.
- China cancela transmissão da Premier League depois do campeonato anunciar apoio à Ucrânia. **GAZETA DO POVO**, 04 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Jx7V1q>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- COELHO, D. O Estrela Vermelha como instrumento de guerra do nacionalismo sérvio. **Ludopédio**. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3wgRWRr>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- COI cria fundo de mais de R\$1 milhão para apoiar a "comunidade olímpica ucraniana" **Globo Esporte**. Rio de Janeiro, 12 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3JxRP80>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- COI. Comitê Olímpico Internacional. **IOC EB recommends no participation of Russian and Belarusian athletes and officials**. 25 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3PkRb0A>. Acesso em 04 ago. 2022.
- COSTA, W. M. O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial. **Confins - Revista franco-brasileira de Geografia**, n. 25, 2015.
- DELLAGNEZZE, R. O conflito Rússia e a Ucrânia. São Paulo: **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, 2022.
- DUVAL, A. FIFA and UEFA's reaction to Russia's invasion of Ukraine: How the neutrality of sport survived the war. **Verslagen van de Sport**, v. 27, n. 3, p. 1–20, 2023.
- EA, Microsoft, Blizzard e outras empresas de games suspendem vendas de produtos na Rússia. **Lance**, Moscou. 06 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3K2zW2M>. Acesso em: 17 ago. 2022.

- FIA. Federação Internacional do Automóvel. **FIA Statement - World Motor Sport Council decisions in relation to the situation in Ukraine.** 25 fev. 2022. Twitter: @f1. Disponível em: <https://bit.ly/3KPjSIH>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- FIBA. Federação Internacional de Basquetebol. **FIBA decisions on Russia and Belarus for upcoming competitions.** 18 maio 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3PFaNO4>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- FIFA. Federação Internacional de Futebol e Associados. **Bureau of the FIFA Council takes initial measures with regard to war in Ukraine.** 27 fev. 2022. Disponível em: <https://fifa.fans/3RtkfV3>. Acesso em 25 ago. 2022.
- FIFA 22 remove itens da Rússia no Ultimate Team. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 08 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3c2v7Kj>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- FIJ. Federação Internacional de Judô. **Official Announcement of the International Judo Federation.** 27 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3R8bfEQ>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- FINA. Federação Internacional de Natação. **Nota oficial.** 27 fev. 2022. Twitter: @fina1908. Disponível em: <https://bit.ly/3Q38rru>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- FIVB. **Statement from FIVB on VNL.** 01 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3JxZPpB>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- FISHER, B. Soldiers send flag to Ukraine squad before World Cup playoff against Wales. **The Guardian**. 04 jun. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Py75Vl>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- GOMES, C. C. A. Sanções esportivas na guerra entre Rússia e Ucrânia. **Revista do Programa de Direito da União Europeia**, v. 2, p. 170-177, 2023.
- GRIX, J.; BRANNAGAN, P. M.; LEE, D. Russia's Unique Soft Power Strategy. In: GRIX, J.; BRANNAGAN, P. M.; LEE, D. **Entering the Global Arena: Mega Event Planning**. Cingapura: Palgrave Pivot. 2022.
- GRIX, J.; KRAMAREVA, N. The Sochi Winter Olympics and Russia's unique soft power strategy. **Sport in Society**, v. 20, p. 461-475, 2015.
- Guerra na Ucrânia: Manchester United anuncia rescisão de contrato com companhia aérea russa. **Globo Esporte**. 25 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3pvZ5JK>. Acesso em: 17 ago. 2020.
- HOFMAN, G. Dois anos após o início da guerra e ainda sem o Shakhtar, Donetsk tenta viver. **ESPN**, 09 mar. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3B0tPsR>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- HOSENBALL, M. FBI probe includes 2018, 2022 World Cup host awards: U.S. official. **Reuters**, Nova York. 03 jun. 2015. Disponível em: <https://reut.rs/3A5kGh7>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- HOSENBALL, M.; BART, K. FBI extends FIFA scrutiny to World Cup host bids of Russia, Qatar. **Reuters**, Nova York/Zurique. 03 jun. 2015. Disponível em: <https://reut.rs/3K5CFbH>. Acesso em 17 ago. 2022.

HUTCHINGS, S. *et al.* Staging the Sochi Winter Olympics 2014 on Russia Today and BBC World News: From soft power to geopolitical crisis. **Participations: Journal of Audience Reception Studies**, v. 12, n. 1, p. 630 - 658, 2015.

IPC President Andrew Parsons' Beijing 2022 Opening Ceremony speech. **Comitê Paralímpico Internacional**. 04 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/38KQCNT>. Acesso em: 17 ago. 2022.

IPC pede desculpas após gafe de Andrew Parsons com presidente da China. **GLOBO ESPORTE**, Pequim, 05 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3R6TmGq>. Acesso em: 25 ago. 2022.

Irmãos Klitschko afirmam que "estão prontos para morrer" pela Ucrânia. **GLOBO ESPORTE**, Kiev, 02 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3vdsye7>. Acesso em: 20 ago. 2022.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR. Ukraine conflicts updates: January 2 to May 31, 2024. **ISW Press**. 31 maio 2024. Disponível em: <https://www.understandingwar.org/backgrounder/ukraine-conflicts-updates-january-2-may-31-2024>. Acesso em: 01 ago. 2024.

JOPLIN, M. Os Jogos Olímpicos de Sochi 2014 como parte do projeto de soerguimento da Rússia. **CEIRI News**, 05 dez. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3c4jfrf>. Acesso em: 17 ago. 2022.

GUY, J.; LAPIN, D.; TARASOVA, D. Euro 2020: Ukraine's new football shirt irks Russia over Crimea map. **CNN**, 07 jun. 2021. Disponível em: <https://cnn.it/3Q4xkTt>. Acesso em: 20 ago. 2022.

KEOHANE, R. O.; NYE, J. S. Power and Interdependence: World Politics in Transition. 4th ed. Boston: Little, Brown, and Company, [1977] 2012.

Las pérdidas millonarias de San Petersburgo sin la Champions. **Marca**. 25 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3K3ZYCK>. Acesso em: 17 ago. 2022.

LLOYD, O Fencing World Cup in Russia abandoned on final day. **Inside the games**. 27 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3dZGrrd>. Acesso em: 30 ago. 2022.

LLOYD, O. Crvena Zvezda Basketball Club refuse to hold "Stop the War" flag to combat politicisation of sport. **Inside the games**. 05 abr. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3EsL8mL>. Acesso em: 17 ago. 2022.

LINDHOLM, J. Como a invasão da Ucrânia pela Rússia abalou os alicerces do esporte. **Lei Desportiva Internacional**, v. 22, n. 1, p. 1–4, 2022.

MACKINDER, H. J. O pivô geográfico da história. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 1, p. 88–100, 2011.

MANCHESTER UNITED. **Club statement on aeroflot**. 25 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Ck7dET>. Acesso em 17 ago. 2022.

MARQUES, R. F. R; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, v. 13, n. 3, p. 225-242, 2008.

- MAZEPIN, N. **Anuncio da fundação de fundação de amparo a atletas**. 09 mar. 2022. Twitter: @nikita_mazepin. Disponível em: <https://bit.ly/3jy19xS>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- MERTIN, E. “Passaporte para o Futuro” – Os Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi 2014. **Revista Esporte e Sociedade**, v. 7, n. 19, p. 1-20, 2012.
- MORENO, N. *et al.* Guerra entre Rússia e Ucrânia afeta o esporte ao redor do mundo. **LabJor FAAP**. 11 abr. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3SWdM6u> Acesso em: 17 ago. 2022.
- MOSTARO, L. F. R. Jogos Olímpicos de Berlim 1936: o uso do esporte para fins nada esportivos. **Revista Logos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 95-108, 2012.
- MILLAR, C. Russia consider permanently leaving European football after UEFA ban. **Mirror**. 30 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3pzYWF7>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- MULLER, M. After Sochi 2014: costs and impacts of Russia’s Olympic Games. **Eurasian Geography and Economics**, v. 55, n. 6, p. 628 - 655, 2015.
- NASCIMENTO, E. A. **Carta aberta para Vladimir Putin**. 01 jun. 2022. Twitter: @pele. Disponível em: <https://bit.ly/3A8wdwg>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- 'Nunca tivemos tanta força', diz Putin em estádio lotado em Moscou. **Globo**, [S. l.], 18 mar. 2022. Disponível em: <http://glo.bo/3RsOrPR>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- NYE, J. **O futuro do poder**. Tradução de Magda Lopes. São Jose dos Campos: Editora Benvirá, 2012.
- NOVOZHENINA, E.; MADORSKY, D. Russia welcomes medallists home with Red Square festivities. **Reuters**, Moscou. 09 ago. 2021. Disponível em: <https://reut.rs/3QKehia>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- ONU. Organização das Nações Unidas. **UN and the Olympic truce**. Disponível em: <https://bit.ly/3QC2LFz>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- OTAN. Organização do Tratado do Atlântico Norte. **How Gorbachev was misled over assurances against NATO expansion**, 02 jan. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3B3CIYq>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- PANJA, T. Russia Is Banned, Yet It’s Everywhere at the Games. **The New York Times**, Tóquio, 26 jul. 2022. Disponível em: <https://nyti.ms/3dz0nkt>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- PIMENTEL, R. P. **O “mundo russo” e a crise da Ucrânia: proteção de uma comunidade interestatal ou imperialismo russo**. 2019. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2019.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, [1980] 1993.
- RAITER, G.; WIGGERS, G.; OELKE, S. A. As questões sociais do esporte. **Revista Digital EFDeportes.com**, Buenos Aires, v. 15, n. 166, 2012.

Real Madrid doa um milhão de euros para ajudar refugiados da guerra na Ucrânia. **Globo Esporte**, Madrid. 16 mar. 2022. Acesso em: <https://bit.ly/3uyCJe9>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ROPA, A. A war of words: The representation of the war in Ukraine in the sports media of Latvia. **Eracle. Journal of Sport and Social Sciences**, v. 6, n. 2, p. 34–49, 2023.

ROTH, A. Russia in all but name: the ROC team go to Tokyo with a siege mentality. **The Guardian**. 22 jul. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3K4cr9z>. Acesso em: 17 ago. 2022.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010.

SHUTTLEWORTH, P. World Cup: Wales 'knows most of world against us' in Ukraine play-off. **BBC News**. 05 jun. 2022. Disponível em: <https://bbc.in/3PNFQq5>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SIGOLI, M. A.; DE ROSE JR., D. A história do uso político do esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 111–119, 2004.

SOUZA, R. Raízes da crise estão na sabotagem a acordos, diz embaixador da Rússia na ONU. **CNN Brasil**, São Paulo, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3weXtb5>. Acesso em: 17 ago. 2022.

TADEU, V. Premier League suspende contrato com emissora russa e anuncia doação à Ucrânia. **CNN**, 08 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/378X5l6>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TENNERIELLO, S. Staging Sochi 2014: The Soft Power of Geocultural Politics in the Olympic Opening Ceremony. **Theatre Research International**, v.44, n. 1, p. 23-39, 2019.

TESSER, J. “Sem guerra”: pilotos da F1 manifestam apoio à Ucrânia e pedem paz e liberdade. **Grande Prêmio**, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3O4bO1j>. Acesso em: 20 ago. 2022.

TROVÓ, A.; FERREIRA, J.; SANTOS, L. L. L. A guerra da Ucrânia e o fluxo de jogadores de futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 158, n. 18, 2022.

TRUJILLO, I. Los ultras del Legia Varsovia “matan” a Putin por la Guerra de Ucrania con un “tifo” brutal. *La razon*. 10 abr. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3M4kJhI>. Aceso em: 20 ago. 2022.

TV chinesa interrompe tradução de discurso de Andrew Parsons sobre a invasão da Rússia à Ucrânia. **GLOBO ESPORTE**, Pequim. 04 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3cHd0tE>. Acesso em: 25 ago. 2022.

UEFA. União das Federações Europeias de Futebol. **Decisões da UEFA sobre competições futuras relacionadas com a suspensão em curso a clubes e seleções da Rússia**. 02 maio 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3dCWBGt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

Uefa rescinde contrato de patrocínio no valor de R\$ 455 milhões com estatal russa de gás. **Globo Esporte**. Gelsenkirchen, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Ck7TKr>. Acesso em: 17 ago. 2022.

WENZEL, G. Schalke 04 dá cartão vermelho para Gazprom. **DW**. 03 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3cbOdO6>. Acesso em: 17 ago. 2022.

WIMBLENDON. **Statement Regarding Russian and Belarusian Individuals at The Championships.** 2022. 20 abr. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3KyCFBx>. Acesso em: 20 ago. 2022.

WONG, C. ‘Sheer fiction’: China denies Xi asked Putin not to invade Ukraine during Beijing Winter Olympics. **South China Morning Post.** 24 jan. 2022.

WONG, E.; BARNES, J. E. China Asked Russia to Delay Ukraine War Until After Olympics, U.S. Officials Say. **The New York Times**, Washington, 02 mar. 2022. Disponível em: <https://nyti.ms/3K1MkAh>. Acesso em: 17 ago. 2021.

ZELENSKIY, V. **Agradecimento a seleção de futebol ucraniana.** 01 jun. 2022. Instagram: @zelenskiy_official. Disponível em: <https://bit.ly/3pu83as>. Acesso em: 17 ago. 2022.